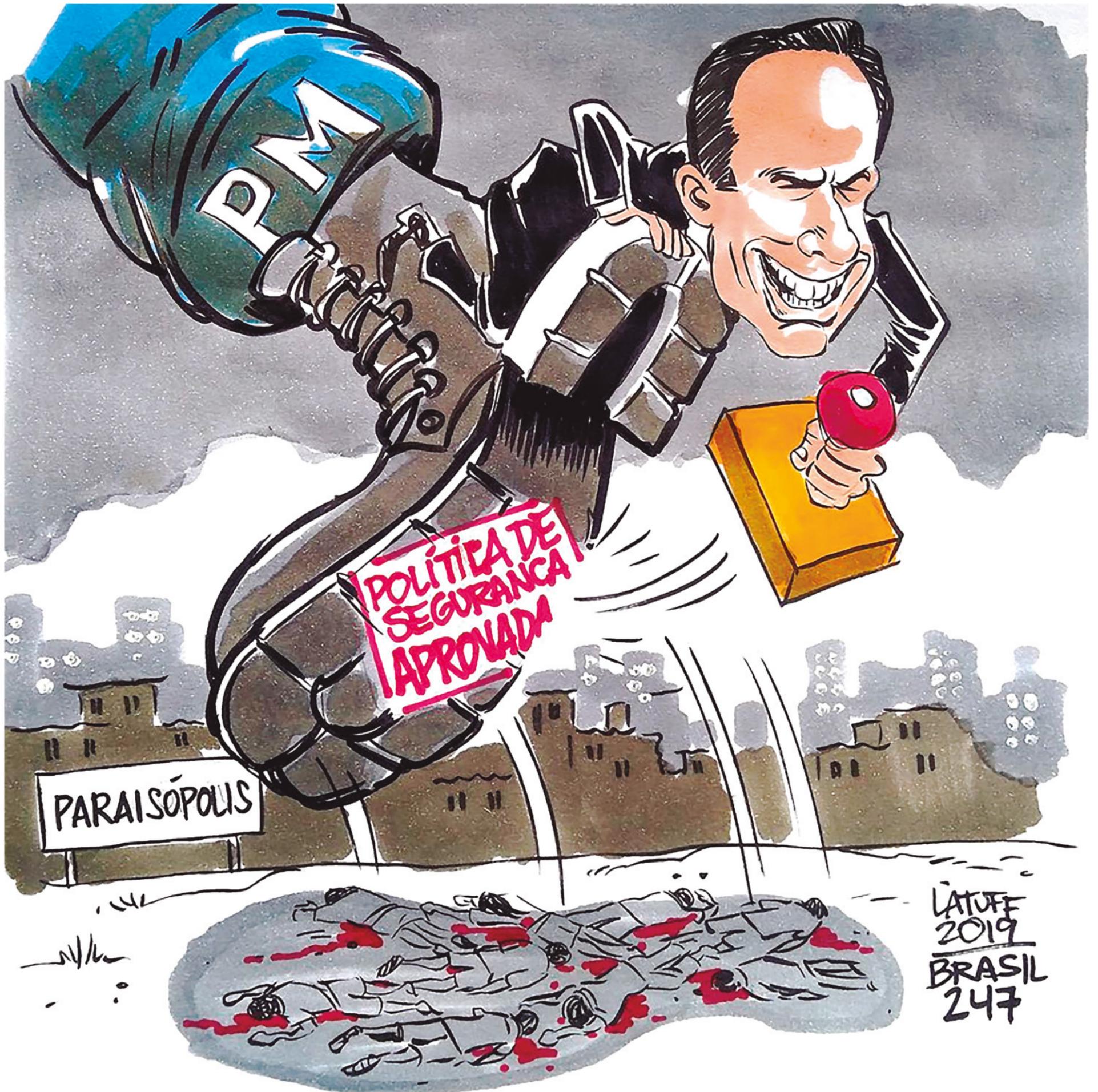


PROMESSA CUMPRIDA



“A PARTIR DE JANEIRO, POLÍCIA VAI ATIRAR PARA MATAR”,
AFIRMOU JOÃO DÓRIA EM CAMPANHA



REPÚBLICA COM MAIS DIREITOS E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

É inaceitável que o Brasil continue retrocedendo

Confira trecho do artigo assinado em conjunto pelo presidente da CUT, Sérgio Nobre, e da Força Sindical, Miguel Torres, publicado na Folha de SP na última sexta-feira, 29.

A celebração dos 130 anos da República, para o nosso movimento sindical, tem o sentido de mostrar à sociedade a importância histórica das conquistas dos direitos democráticos e trabalhistas e da liberdade de expressão na construção de uma nação justa, civilizada, desenvolvida e próspera para todos.

No CONJUNTO de medidas que desorganizam as relações e condições de trabalho, fragilizam as estruturas e ações sindicais, Bolsonaro e seus ministros se apresentam como cavaleiros do apocalipse anunciando pacotes brutais como

o Plano Mais Brasil e a MP 905, que criou o Contrato de Trabalho Verde e Amarelo. (...) O fim da política de valorização do salário mínimo e o congelamento desta remuneração por dois anos, previsto no Mais Brasil, são inaceitáveis, pois diminuem o poder de consumo das populações mais necessitadas e ampliam a desigualdade.

E O QUE DIZER da medida provisória 905, que, a pretexto de “estimular” o primeiro emprego para jovens de 18 a 29 anos, sem vários direitos e com baixa remuneração (ganho de até 1,5 salário mínimo), mexe em inú-

meros artigos da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas)? É mais um pacote de crueldades contra a legislação trabalhista, os sindicatos e os desempregados, que serão onerados com o pagamento da contribuição previdenciária quando acessarem o seguro-desemprego, os trabalhadores que terão de trabalhar aos sábados, domingos e feriados sem receber horas extras em dobro e os jovens que forem contratados. Por isso, lutamos para inviabilizar a MP 905 junto aos parlamentares no Congresso e com a força dos argumentos de especialistas que consideram a medida inconstitucional.

Não vamos aceitar que o Brasil continue retrocedendo ao período da República Velha, quando a classe trabalhadora não tinha direitos e o desemprego, a desigualdade social, a fome e a miséria imperavam. ESTAMOS EM oposição às estruturas econômicas e sociais excludentes. Deste modo, em defesa de uma República que permita criarmos uma vida nova para brasileiros e brasileiras, baseada no diálogo democrático e no desenvolvimento, estamos unidos em ações de resistência cuja principal palavra de ordem é: “A luta faz a lei”.

No Brasil, na faixa etária dos jovens de 15 a 29 anos, há 70 homicídios para cada 100 mil pessoas. Nessa condição, entre os pretos e pardos esse índice é de 43,4% e para os brancos 16,0%. Por si só, esses dados são terríveis e refletem a histórica persistência da desigualdade no país. Mas quando o Estado é identificado como um dos executores que potencializa a matança da juventude negra, seja qual for a cor da sua pele, você precisa se revoltar. Numa ação violenta da polícia militar

nessa fim de semana, morreram nove jovens com idades entre 14 e 28 anos na favela de Paraisópolis em São Paulo. A polícia cercou e encurralou milhares de jovens com bombas e cacetadas. Na tentativa de fugir, oito garotos e uma menina foram pisoteados até a morte. É preciso lembrar que a maioria da população de Paraisópolis é negra, é preciso lembrar que 70% das pessoas que vivem em situação de extrema pobreza no país são negras. Sobretudo, é preciso lembrar que o presidente em exer-

cício defende o chamado excludente de ilicitude, que pode ser traduzido como uma licença para matar, pois oferece imunidade e impunidade para que a polícia militar possa matar em serviço sem o risco de serem penalizados. O baile funk, assim como as micaretas e raves, são festas que aglomeram uma enorme quantidade de jovens. Por isso mesmo, podem incomodar a vizinhança nos locais onde ocorre, mas nada justifica uma abordagem com violência desmedida

e alto risco de uma tragédia, que foi o resultado da operação. A presença do Estado em comunidades como Paraisópolis não pode se resumir a operações policiais contra a sua população, como tem sido norma nas grandes metrópoles. No lugar de equipamentos culturais e de estimular as economias locais, vale a regra do tiro, porrada e bomba, pela ação das polícias contra a sua população pobre e majoritariamente negra. É preciso interromper esse massacre.

NOTAS E RECADOS

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Massacre em Paraisópolis 1

PT e Psol pediram apuração sobre ação policial em Paraisópolis. PMs espancaram 2 adolescentes após baile. Ao menos 9 morreram pisoteados.



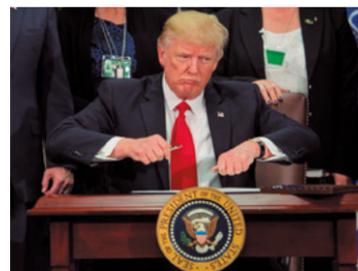
Massacre em Paraisópolis 2

Após lamentar as mortes nas redes sociais, Doria elogiou a segurança do estado. "Hoje, SP tem uma polícia preparada, equipada e bem informada".



Menos Bolsa Família

Não há a previsão de novos beneficiários no Bolsa Família em 2020 e nem de 13º, segundo documento do governo Bolsonaro enviado à Câmara.



Tarifas aço e alumínio

Os EUA vão impor tarifas sobre as importações de aço e alumínio procedentes de Brasil e Argentina, anunciou o presidente Donald Trump.

DICA DO DIEESE

O MASSACRE DE PARAISSÓPOLIS

COMENTE ESTE ARTIGO. ENVIE UM E-MAIL PARA SUMETABC@DIEESE.ORG.BR SUBSEÇÃO DO DIEESE



EDITORIAL

DIVULGAÇÃO

POLÍCIA DE EXTERMÍNIO

Uma polícia que é treinada para ver em seu povo seu maior inimigo, irá matar esse povo

“É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos, o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, pra depois de quinze minutos, estar de frente para um condomínio, com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros”.

O cenário carioca descrito no conto "Espiral" no livro "Sol na Cabeça" do jovem autor Geovani Martins é também comum no cenário paulistano. Com a sutil diferença de que em São Paulo não é preciso andar 15 minutos para se deparar com tamanha desigualdade. Apenas 500 metros separam o luxuoso condomínio Penthouse, no Morumbi, da comunidade Paraisópolis, segunda maior favela do Brasil, conhecida por iniciativas culturais promovidas por seus moradores.

Comunidade esta onde nove jovens frequentadores de um baile funk morreram na madrugada do último domingo após ação truculenta da Polícia Militar. Não bastasse ter que conviver com a desigualdade gritante, os moradores de comunidades vivem sob a ameaça constante da polícia da qual são alvo. Enquanto moradores relatam e vídeos comprovam que houve agressões desmedidas por parte da polícia, com chutes, pisoteamentos, tapas no rosto e uso indiscriminado de cassetetes, o governador de São Paulo, João Doria, contraria os fatos e nega que as mortes tenham sido causadas pela ação da PM. Ele vai além, elogia e afirma que manterá a política de segurança pública do Estado.

É JUSTAMENTE ESSA TAL política que tanto nos assusta, já que durante as eleições o então candidato afirmou que, a partir de 1º de janeiro, a polícia atiraria para matar. A ultradireita que governa este país dizia ainda que, sob sua política de segurança, os criminosos passariam a pensar duas vezes antes de agir. Mas o que mudou, ou na verdade, o que se agravou é que a polícia não pensa antes de agir.

Para justificar a ação em Paraisópolis, a PM alega que dois homens

trafegando em uma motocicleta teriam atirado contra policiais que realizavam uma operação na região. Os agentes teriam perseguido os dois até o baile funk, causando tumulto generalizado entre as mais de cinco mil pessoas presentes.

Já são muito os exemplos, só neste ano, com semelhantes justificativas por partes dos policiais e uma clara passada de mão na cabeça por parte das autoridades que vitimaram jovens e crianças da periferia. Apenas nos primeiros sete meses do ano, 626 pessoas foram mortas pela polícia.

Preocupado com isso, conforme lembramos na semana passada, o governo Bolsonaro quer ampliar o conceito do chamado excludente de ilicitude, projeto que isenta de punição policiais ou militares que cometerem excessos durante operações de garantia da lei e da ordem.

AS FORÇAS POLICIAIS estão a serviço do Estado, um Estado desigual, que prega a volta do AI-5, um Estado para reprimir. Nosso país prepara as Forças Armadas não para o combate externo, mas para o combate interno. O inimigo é o povo pobre da periferia. Uma polícia que é treinada para ver em seu povo seu maior inimigo, irá matar esse povo.

Ou seja, mais uma vez a elite branca deste país esfrega sem dó, na cara da sociedade, que a exclusão social e racial no Brasil não é uma preocupação dos governantes. Festas, como as que ocorrem nas comunidades, são comuns também em áreas nobres, a diferença é que em áreas nobres a polícia atua para proteger os jovens, enquanto nas áreas pobres a atitude é truculenta e racista. Muitas outras famílias irão chorar a morte dos seus filhos inocentes enquanto a política, como previamente anunciada, for de extermínio e não de equiparação social.



DIVULGAÇÃO

SINDICATO DISCUTE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL PARA AS FERRAMENTARIAS NO ROTA 2030

O diretor executivo do Sindicato, Wellington Messias Damasceno, defendeu a importância da qualificação profissional dos trabalhadores no workshop do programa “Ferramentarias Brasileiras Mais Competitivas”, que integra o Rota 2030, no dia 26 de novembro, no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas).

“O WORKSHOP FOI para apresentar como o programa está sendo estruturado e quais as principais demandas do setor. E nós apresentamos a demanda por capacitação profissional, tanto para os trabalhadores e gestores, quanto pensando na nova indústria, a 4.0”, explicou.

O dirigente criticou a ineficiência do governo, já que os recursos do programa estão disponíveis, porém o ministério da economia após 1 ano ainda não habilitou os projetos.

“No dia a dia ninguém percebeu os efeitos do Rota 2030. No cenário que estamos vivendo, de falta de trabalho nas empresas, de demissão de trabalhadores e fechamento de fábricas, seriam recursos importantes para estancar esses problemas”, afirmou.

“Ainda assim, mesmo que o programa esteja muito distante daquilo que propusemos, continuamos insistindo que esses recursos sejam direcionados para capacitação de trabalhadores no

chão de fábrica, para a Indústria 4.0 e as novas formas de produção veicular, com elétricos e híbridos, e valorização de pesquisa, desenvolvimento e ferramentaria”, prosseguiu.

A INICIATIVA COM as ferramentarias tem a Fundep (Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa) como coordenadora, o IPT como responsável técnico, e a participação de instituições de ensino e pesquisa, parques tecnológicos e entidades representativas como o Sindicato, Arranjo Produtivo Local de Ferramentaria do ABC, universidades, Senai, Abinfer (Associação Brasileira da Indústria de Ferramentais), entre outras.

TRIBUNA ESPORTIVA



FOTOS: DIVULGAÇÃO

- Alisson foi eleito o melhor goleiro do mundo e recebeu o troféu Yashin. Ele conquistou a Copa América com o Brasil e a Liga dos Campeões com o Liverpool.



- O goleiro da seleção também ficou em sétimo colocado no Top 10 da Bola de Ouro masculina, prêmio entregue pela revista France Football.



- Também brasileiro, o goleiro Ederson, do Manchester City, conquistou o terceiro lugar. Ter Stegen, do Barcelona, foi o segundo colocado.



- Maior ganhador da Bola de Ouro, o argentino Lionel Messi, do Barcelona, conquistou o prêmio pela sexta vez. A sua primeira conquista foi há 10 anos.



- Marta foi a única representante brasileira na lista da Bola de Ouro feminina. Megan Rapinoe, dos Estados Unidos, conquistou o troféu de melhor do mundo.

O **ABC** da **INDÚSTRIA 4.0**
 ciclo de debates

EXIBIÇÃO DO FILME **GIG**
 A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO

7/12. ÀS 9H
 CENTRO DE FORMAÇÃO CELSO DANIEL
 RUA JOÃO LOTTO, S/N - CENTRO - SÃO BERNARDO (AO LADO DA SEDE)

ABC
 SINDICATO DAS METALÚRGICAS